

# O Pessoal da Velha Guarda

## Programa No. 12

Transcrito por Alexandre Dias



*Almirante*

**17-3-1948**

([Collector's](#) AER027 Lado B)

**Almirante:** Boa noite, ouvintes de todo o Brasil! Amigos incondicionais da Velha Guarda aqui estamos. E aqui estamos com mais um bom punhado de melodias e ritmos brasileiríssimos e que reafirmam mais uma vez bem alto o propósito desses programas, que é exaltar a nossa boa música de ontem e de hoje, e provar o alto valor poético e musical de nossa arte popular. Há quem pense, com um partidarismo absurdo, que toda e qualquer música popular não presta, e que só as grandes obras clássicas, as sinfonias, os quartetos, as sonatas, etc., etc., que prestam. Pois estão redondamente enganados. Há muita sinfonia por aí que não vale um caracol. Há muita obra de grande autor considerada até legítima droga. Por outro lado, sabemos também que boa parte da música popular também não vale grande coisa, mas em compensação, há no gênero legítimas obras-primas, que como perfeição, como expressão de arte, nada ficam a dever às obras tidas como clássicas no repertório musical de todo o mundo.

O *Pessoal da Velha Guarda* se empenha em revelar sempre as jóias de nossa músicas popular. Tudo que houver de bom em samba, em choro, em polca, em xóti, em valsa, etc., passará aqui por esse programa. Se vocês quiserem fazer uma manifestação de agradecimento a quem realiza obra tão louvável e de profundo brasileiro, então sim batam palmas com força para Pixinguinha, o maestro e instrumentador 100% brasileiro! Para Benedito Lacerda e seu regional brasileiro até debaixo d'água! Para Raul de Barros que revive com seu bombardino a tradição dos chorões d'antanho! E para esta orquestra e que só se vê gente da Velha Guarda!

Músicos conscientes que são, estes elementos da Orquestra do Pessoal da Velha Guarda já afinam seus instrumentos para a execução do número de abertura. Alguns deles, ouvintes, tocam hoje nos mesmos instrumentos com que há 30, 40 anos vêm ganhando honradamente a sua vida, executando músicas dos estilos mais diversos. Desde as simples cantigas populares até as peças sinfônicas mais complexas. Nota-se, porém, um fenômeno curioso nesse instrumental do Pessoal da Velha Guarda. Quando toca música brasileira, da boa, seu som se torna mais vibrante, mais alegre, mais entusiástico, e por incrível que pareça, cada instrumento parece vibrar mais, irradiando uma claridade condizente com a sua sonoridade. É exatamente que se vai dar agora com o Pessoal da Velha Guarda, que vai tocar uma velha polca-marcha de Pixinguinha, uma que se chama “Assim É Que É”, e que foi instrumentada e que vai ser regida pelo seu autor.

### **Orquestra Pessoal da Velha Guarda: “Assim É Que É” (Pixinguinha)**

**Almirante:** É com imensa alegria que vemos ressurgirem velhas cantigas que já iam caindo completamente no esquecimento. Soubemos há poucos dias que o grande cinematografista patricio Humberto Mauro está realizando um pequeno filme natural em que é exaltada a imensa riqueza florestal dos nossos estados sulinos. É a glorificação do Pinheiro, uma forma sugestiva em que

ressalta toda a beleza dos pinharais poéticos de Paraná e Santa Catarina. A música de fundo para o pequeno filme não podia ser mais apropriada, pois Humberto Mauro escolheu a mais condizente com as cenas que vai exibir. Trata-se da famosíssima e tradicional cantiga brasileira “O Pinhal”, da autoria de Armando Percival e Maria da Cunha. É como um aplauso ao cineasta ao seu gesto de patriotismo realizando mais um filme que irá contribuir para tornar o Brasil mais conhecido dos brasileiros, que o *Pessoal da Velha Guarda* vai fazer desfilar agora o Grupo dos Chorões lembrando a linda cantiga do passado. Atenção, pois, ouvintes, “O Pinhal”.

[Paulo Tapajós e Grupo dos Chorões: “O Pinhal” \(Armando Percival/Maria da Cunha\)](#)

*Bis! Bis! Bis!*

**Almirante:** Foi assim, ouvintes, pedindo bis que os apreciadores do legítimo choro brasileiro se manifestaram depois que Benedito e Pixinguinha executaram aqui na semana passada o notável “Que Perigo” da autoria do nosso bom amigo o Dr. Tiecio Cardoso. Vamos recordar ligeiramente o que dissemos antes sobre o Dr. Tiecio Cardoso. Ele é um advogado campista que vive na sua cidade olhando o Brasil inteiro com um imenso amor que se reflete nas iniciativas que leva a cabo para glorificar o seu torrão natal. Ele é o autor do conhecido dobrado patriótico denominado “Marcha-Brasil”. Foi dele a idéia do impressionante monumento ao expedicionário campista que se ergue na praça São Salvador naquela cidade erigido por subscrição popular e com a cooperação da Associação de Imprensa Campista. Tiecio Cardoso como compositor tem escrito um bom número de pequenas peças deliciosas. Foi uma delas, a que Pixinguinha aprendeu em 1917 com o próprio autor, que foi executada aqui na audição passada. E foram tantos os pedidos de bis que recebemos, que não pudemos deixar de incluí-la hoje novamente. Não será preciso que se diga nada para justificar essa repetição. Vocês mesmos ouvindo

a grande música, que é um choro chamado “Que Perigo”, vocês mesmos compreenderão logo que esse bis era indispensável. Atenção, pois, aqui vêm Benedito e Pixinguinha e o regional para enfrentarem o “Que Perigo”, de Dr. Tiecio Cardoso.

#### Pixinguinha, Benedito Lacerda e regional: “Que Perigo” (Tiecio Cardoso)

**Almirante:** A denominação de choro até hoje comuníssima, apesar de pensarem o contrário inúmeros musicólogos é relativamente recente. O nome veio da designação de chorões que foi dada no passado aos grupos de flauta, cavaquinhos, bombardinos, oficleides, violões, etc., que percorriam as ruas, fazendo serenatas. Como tocassem músicas muito dolentes, em andamento arrastado, num plangência tocante, chorado nas melodias e nos contracantos, receberam o nome de chorões. O grupo era o choro, e os tocadores, os chorões.

Mas as músicas que eles tocavam eram polcas, era xótis, eram valsas, mazurcas, eram [?], etc. Só muito mais tarde , que a designação daqueles grupos foi se passando para as músicas de seu repertório, e uma dessas músicas de um desses gêneros, a polca, foi se passando a chamar também choro. Uma das músicas de Pixinguinha pode muito bem nos dar hoje uma idéia de como era aquela forma de execução que deu origem à curiosa denominação. Trata-se de uma polca, que é hoje um choro, cujo nome vem a calhar para tal peça. É “Soluços”. É um choro-serenata, em que se sente claramente o soluçar tristonho tão ao gosto do pessoal da Velha Guarda. A execução aqui está a cargo de Benedito na flauta, de Pixinguinha no saxofone e do regional. Ouçam.

#### Pixinguinha, Benedito Lacerda e regional: “Soluços” (Pixinguinha)

**Almirante:** Cada pedido dos ouvintes é uma ordem para nós. Eis aí por que voltamos a contar aqui uma passagem pitoresca da vida de nossa cidade e que

ficou registrada por uma famosa música popular. Nós vamos trazer agora para vocês, uma música que surgiu numa época muito especial dessa cidade. Era uma crítica às inúmeras instituições de caridade que a partir de 1925 mandavam para nossas ruas centrais senhoras e senhoritas a venderem flores, senhoras e senhoritas munidas de um cofre onde o público ia colocando os seus cobs. A coisa começou com a venda de margaridas. Vieram depois outras flores. Cada instituição de caridade inventava um dia de cada uma flor. Depois, por originalidade vieram dias de medalhinhas, de emblemas, de penas, e houve até o dia do pão, e creio que da banana. Tudo muito louvável. Mas é que o povo já andava escabriado com tanto peditório, e já ninguém mais enfrentava de boa vontade as amáveis, e por vezes mesmo lindas [?]. Foi como uma crítica de tantos dias de flores, e legumes, e como um eco das suposições que o povo fazia a respeito daquelas coletas, que surgiu um certo samba chamado “Caridade”. Era da autoria de Sebastião Neves e de Anísio Mota. É isto que vamos relembrar agora nessa passagem do Grupo dos Chorões. Ouçam.

[Almirante, Raul de Barros, Grupo dos Chorões: “Caridade” \(Sebastião dos Santos Neves/Anísio Mota\)](#)

**Almirante:** Hoje em dia o maxixe é música ou dança já inteiramente desaparecida. Mas há 20 anos atrás andava ainda tão em moda, que não havia revista teatral que não apresentasse entre seus quadros, um que exibisse a dança ou a música espetacular. O número que vai ser executado em seguida está ligado a um acontecimento teatral muito falado nessa cidade. Em 1922, recebemos aqui a visita de uma estrondosa companhia francesa de revistas que revolucionou o Rio de Janeiro. Era a famosa companhia Ba-Ta-Clan de Madame Rasimi, com um repertório empolgante de peças vistosas, com mulheres lindíssimas que enlouqueciam o carioca, com recursos cênicos nunca vistos até então, e com músicas de um novo estilo, com fox-trots parisienses inspirados numa curiosíssima coreografia que aqui se implantou

imediatamente que era o Shimmy. O sucesso da Ba-Ta-Clan atraiu para cá outras grandes companhias. Junto com ela apareceu a Velasco, em anos seguintes nós tivemos a escandalosa Companhia do Casino de Paris, cujos quadros considerados pouco decentes provocavam bengaladas dentro do teatro entre os que queria que o negócio parasse, e a maioria que queria ver as coisas até o fim.

O interesse pelas companhias teatrais exóticas fez nascer aqui a idéia da formação de uma troupe toda de pretos. E foram arrebanhados todos os valores negros que possuíam na arte da representação. A companhia estreou no Teatro Rialto em agosto de 1926 com a peça *Tudo Preto*. Foi esse título, ouvintes, que um dos nossos compositores, o maestro Júlio Casado, instrumentador da Casa Edison, escolheu para uma de suas músicas. Foi um maxixe que não pertenceu à revista negra, mas que lhe prestava uma homenagem no título, que era também “Tudo Preto”.

Todo o valor musical do maxixe de Júlio Casado está na curiosa baixaria que ele desenvolve, a baixaria no estilo clássico do gênero. Ouvindo-a, garanto que muitos dos ouvintes hão de lamentar o fato dos compositores terem abandonado um gênero tão atraente.

E como a música se presta a comparações, reparem se a maioria das composições modernas, dessas inexpressivas que hoje surgem aos montões, poder-se-ia comparar em atração, em vivacidade, ou em gostosura a maxixes iguais a esse que os autores escreviam a vinte e poucos anos atrás!

[Orquestra Pessoal da Velha Guarda: “Tudo Preto” \(Júlio Casado\)](#)